

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Pronto. Mas o senhor estava falando lá da...?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: ...dDa Fazenda Picos.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Isso.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, -a Fazenda Picos era uma das que estava já em conflito e que esse coronel que é chefe lá da área militar, estava envolvido também. Ora ele estava trazendo para a gente resolver problema da fazenda dele não é? E ele já estava me pedindo para mim não intrometer lá na fazenda dele.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: A Fazenda Picos e outros e outros. Esse povo.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E na Fazenda Picos, acabou sendo apropriada por essa empresa de reflorestamento ou não?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não. Aí a Fazenda Picos foi onde [teve](#) assentamento.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Teve assentamento?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Sofreu aquela mesma questão do Inbra. O Inbra veio na Chapada Gaúcha para fazer a fiscalização da Fazenda Boi. E veio aqui na Fazenda Picos e também [lá \(ininteligível\)](#) no dia que nós estávamos lá em Belo Horizonte, lá na reunião lá, falou, Fazenda Picos. Fazenda Boi não é? Fazenda Picos? Também não tem condição, não tem gente lá, não tem terra. Nós protestamos. Eu levantei e falei, olha, tem 68 famílias lá cadastradas. Já tinha cadastrado o pessoal e tenho, e a fazenda tem 9.000 hectares de terra. E lá mora 68 famílias. É. Aí o homem, o chefe lá surpreendeu não é? O pessoal do Inbra veio aí e não viu nada, não tinha gente, não tinha terra, não tinha nada. E nós desmascaramos ele lá, lá no Inbra. Ela acabou sendo desapropriada e acabou sendo como é que diz? Assentamento.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Feito assentamento. É.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E o senhor se lembra de casos de empresas de reflorestamento? Ou carvoeiros que o senhor gostaria de contar para nós? De alguma empresa? Ou situação de

violência?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, essas firmas todas só foi via violência. Ameaças e de expulsão de pessoas. Quando a gente acudia, já tinha acontecido. O pessoal já tinha abandonado a terra. Teve uns que foi feito o total da área. O sindicato foi fortalecendo, fortalecendo e foi intrometendo. Incomodou o coronel lá não é? Incomodou o coronel lá e já estava pedindo a gente para não intervir lá. Foi o tempo que também a ditadura estava murchando não é? A gente começou a botar as mangas de fora e incomodou o coronel, que ele era chefe da s grilagem (ininteligível) aí não é? É isso tudo aí, tem muita coisa.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Além do Grupo Epa que o senhor lembrou.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O Grupo Epa?

Robson Souza ENTREVISTADOR: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O Grupo Epa.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Mas o senhor lembra de algum outro grupo de dono que utilizava essas técnicas para tentar aumentar a área de reflorestamento? O senhor lembra de algum outro nome de empresa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Me lembro.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Ahn?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Tinha a Plantar.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Plantar?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, Plantar. Tinha a outra firma que chamava, a cabeça minha está falhando.

Robson Souza ENTREVISTADOR: Não tem problema.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, muitas e muitas fazendas. A Fazenda Plantar, a Fazenda, essa aqui que está com a Fazenda Picos mesmo, é a fazenda, como é que chama Zé, aquela fazenda que fica perto de São Joaquim? Sabe não? E a sua é outra. É. Metalur.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Metalur?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É. Metalur. Lá na frente tinha várias outras fazendas. Tinha, eu não lembro bem [mais](#).

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Entendi. Não, está ótimo.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E o senhor ajudou a fundar outros sindicatos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ajudei a fundar o sindicato de Itacarambi.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Itacarambi?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: E Maria da Cruz.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: E o senhor encontrou alguma dificuldade? Havia algum monitoramento? Intervenção em reuniões de organização de sindicato? Por exemplo?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: O sindicato lá?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: É.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Antes de criar o sindicato já havia [m](#) os problemas que serviam para cá não é?

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Quando a gente fundou o sindicato lá, a gente acompanhou a diretoria. Acompanhou a diretoria e começou a cobrar também da FETAEMG acompanhar não é? Os problemas, o sindicato de Itacarambi mesmo, tinha problema demais.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Teve algum caso de alguma reunião, por exemplo, do sindicato, que ela teve que ser parada por chegou policial? Alguma ordem? Alguma assembleia que o pessoal não pode participar? Alguma coisa nesse sentido?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não.

[Caroline Rodrigues](#) ENTREVISTADORA: Ou [u](#) alguém que vigiava?

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Alguém que vigiava quando vocês estavam reunidos?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Vigiar tinha não é? Vigiaava mas, não podia intervir.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E quem que eram essas pessoas que vigiavam geralmente? Eram policiais?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É, era a Polícia.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: É?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Era o pessoal da Polícia. Pessoal.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E de vez em quando chamava alguém na delegacia para perguntar alguma coisa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: É.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: Era assim?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Chamava a gente e no começo intimava, intimava. Mandava policial com intimação. Não, mandava uma intimação para comparecer na delegacia, tal hora, assim e assim.

[Robson Souza](#) ENTREVISTADOR: E geralmente que tipo de coisa que o delegado queria saber?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Ah, ele queria saber... mas já sabia. Teve uma vez mesmo que nós teve um problema aqui em Macaúbas. Aí e lá tinha um cara lá que estava invadindo terra do outro. Todos dois eram sócios. Mas um era muito atrevido e muito envolvido com esses políticos aqui de Januária, muito envolvido. Então a gente não deu razão a ele, que ele estava errado. A genteí ele voltou. Quando é no outro diana outra audiência, vem uma intimação do delegado. Pp para comparecer ali. Chegou ali ele já sabia de tudo. A modo dele não é? Quando foi chegando ele já foi debulhando logo. “Não... que vocês estão fazendo as coisas erradas, estão mandando o povo para brigar e não sei o quê mais e tal e tal. E coisa e tal”. Eu falei, ô doutor, espera aí. O senhor foi lá por acaso? “Ah, não, fiquei sabendo. Dep Pois eu não fiquei sabendo, E eu fui lá. Nós fomos lá”. O senhor ficou sabendo. O senhor tem que ir lá e ver. É. “Não, eu estou chamando vocês aqui é para isso.” Não, o senhor está dizendo que nós estamos fazendo tudo errado. O que nós fizemos lá foi acudir uma pessoa que estava sendo, que é caso de polícia o que ele fez lá, é

caso de polícia. Agora o senhor já está do lado dele sem saber de nada. Mas nós já estávamos engrossando a voz também não é?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S
Robson Souza ENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Imagina na delegacia, delegado deitava e rolava em cima da gente, a gente ficava calado. Não doutor, certo, tal doutor. Mas quando a gente começou a crescer, a gente falava. Teve época de ir na delegacia mais um companheiro. Chegava lá, o cara fazendeiro estava com advogado do lado de lá e falava. Começava a falar, não é? Falar, falar, falar. O companheiro ia responder ru para ele, eu dizia fica quieto, fala nada não. É, -nada não. Senhor Francisco lá, Moraes. Chegou lá, falou, falou, falou, falou. Aí eu falei, ô doutor, o senhor aí o depoimento aí depois (ininteligível), está repetindo o que falou e eu ainda tenho, nós temos nossa vez ainda não tem? Tem, tem, tem sua vez. Pois é. E então (ininteligível) conclui aí. Conclui o que o senhor estava falando aí. Aí ele falou, é, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. Não, o senhor já falou isso. Eu quero saber o que o senhor tem a falar mais. Que a outra parte tem que falar. Aí é falei, o delegado me mandou calar a boca, mas aí nós falamos. Ele intrometia. Falou, Ô doutor, o senhor viu que nós ficamos caladinho aqui. Imagina um homem desses dentro da delegacia, ele ter ação dessa maneira e lá fora com revólver na mão. Inclusive ele já tinha dado um tiro no filho do dito cujo. Tinha dado um tiro. Tanto é que ele deu um tiro e ficou por isso mesmo. E agora aqui dentro da delegacia ele quer falar sozinho? É, a gente tem que, não é? E assim era dessa forma. A audiência no juiz, audiência na delegacia. Uma vez o advogado do sindicato falou assim, você não foi preso lá por milagre. Eu, não é? A audiência da Fazenda Casa de Telhas. Estava lá os advogados da firma. Estava lá e os caras, chefes lá e eu estava com dois advogados do sindicato. Na audiência. É. Aí trocando ideia lá, trocando ideia, daí o juiz falou, não está bom? Está bom, assim está bom. Está, o juiz estava doido para se ver livre não é? Aí eu falei, olha doutor, eu queria falar. Quem é? Você é presidente do sindicato, pode falar. Pode falar, pode falar. Eu disse, ó, isso aí não está bom não. Mas é como que o senhor está torcendo? Eu torcendo (ininteligível)? Sim, o senhor falou que está bom. Quem sabe se está bom é eu. É nós, ou então é a outra parte. Aí o advogado me pegou pelo braço, me puxou lá no corredor e falou, moço, você quer ser preso? Eu falei, não, mas se for preciso eu vou. Aí eu voltei. Aí o juiz falou, o senhor concluiu o que o senhor estava falando Senhor Antônio? Eu falei, olha, eu vou lá para o sindicato, lá tem mais de 30 pessoas. Lá esperando uma solução. Eu vou fazer uma assembleia rápida lá. E vou trazer a solução deles. Ah não, não precisa disso não, não precisa disso não. Não, vamos acordar aqui. Então o advogado nosso era cagão, cagão. É, fala rapaz. E os caras

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Participar de assembleia, de encontros, de congressos. E também a gente tinha uma noção até onde a gente podia ir.

Robson SouzaENTREVISTADOR: Uhum.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Chegava em certo ponto que você cedia não é?

Robson SouzaENTREVISTADOR: Claro.

ENTREVISTADORA: E tem mais alguma coisa que o senhor se lembra que gostaria de contar? Alguma coisa que a gente não perguntou, alguma situação? Pessoa?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: De quê?

Caroline RodriguesENTREVISTADORA: Alguma coisa que você gostaria de contar? Que a gente não perguntou? Alguma situação? Pessoa? Que sofreu alguma violência? Alguma perseguição? Até 88?

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Não, essa perseguição veio até quando eu estava lá em 90 e tanto ainda tinha. Mas o auge das perseguições foi no tempo da ditadura não é? E a gente também foi tomando pulso, tomando pé da situação, a gente falava mais alto. Falava mais alto do que eles. A gente respondia por uma classe, a gente não podia ficar por baixo não.

Robson SouzaENTREVISTADOR: Mas nós agradecemos muito então o seu depoimento, Senhor Antônio. Colaborou muito com a gente e vai ajudar lá no nosso trabalho, muito obrigado.

ANTÔNIO INÁCIO CORREIA: Se você ficasse mais tempo, nós ia conversar até amanhã.

Robson SouzaENTREVISTADOR: Está certo. É porque não dá mesmo, a gente tem que continuar.